

EDUCAÇÃO E CULTURA: A FESTA DE SÃO PEDRO COMO PATRIMÔNIO DA COMUNIDADE PESQUEIRA DE LONCURA, CHILE*.

EDUCATION AND CULTURE: ST. PETER'S FEST AS PATRIMONY OF THE LONCURA FISHERY COMMUNITY IN CHILE.

Juan Bacigalupo Araya¹, Alexandre Brasil Fonseca².

¹Universidade Federal do Rio de Janeiro/Instituto NUTES de educação em ciências e saúde / Pós-graduação em Educação em Ciências e Saúde, jbacigalupo@gmail.com

²Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Instituto NUTES de educação em ciências e saúde / Pós-graduação em Educação em Ciências e Saúde, coloquio10@gmail.com

RESUMO

O texto apresenta reflexões resultantes de uma pesquisa etnográfica que investigou as expressões culturais e conhecimentos produzidos na cidade pesqueira de Quintero, Chile. A cultura dos pescadores é produto da sua forma de vida e da relação com o mar, que ultrapassa a funcionalidade e o uso de seus recursos, por meio dos quais elaboram diversos modos de apropriação social, econômica e cultural ligados ao ambiente marinho. Apesar da riqueza cultural do grupo investigado, a sociedade globalizada tenta conglomerar de uma forma homogênea valores e culturas, não deixando espaço para as singularidades de povos que têm toda uma história de saberes e vivências nas suas comunidades, uma vez que seu modo de vida difere do modo de vida padrão. A escola reproduz a hierarquização de culturas, um modelo colonial que por meio de uma estrutura curricular e pedagógica que refletem práticas e saberes hegemônicos, os quais afirmam as desigualdades e amparam a dimensão ideológica da educação única, autoritária e eurocêntrica, compreendendo os elementos das culturas tradicionais como exóticos e folclóricos. No entanto, observamos que a festa do padroeiro dos pescadores, São Pedro, se configura como espaço de resistência cultural em que a escola poderia estar presente de forma qualificada. Essa experiência nos faz concluir que a possibilidade de emancipação dos grupos subordinados poderá ter maiores possibilidades quando o sistema escolar considerar uma educação intercultural; e fomentar a consciência política, como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica.

Palavras-chave: Pesca, Festa de São Pedro, Cultura, Educação.

ABSTRACT

The text presents reflections resulting from an ethnographic research that investigated the cultural expressions and knowledge produced in the fishing town of Quintero, Chile. Fishermen's culture is a product of their way of life and their relation to the sea, which goes beyond the functionality and use of their resources, through which they develop various modes of social, economic and cultural appropriation linked to the marine environment. Despite the cultural richness of the investigated group, globalized society tries to conglomerate values and cultures in a homogeneous way, leaving no room for the singularities of people who have a whole history of knowledge and experiences in

* Pesquisa relacionada com a Chamada CNPq/MCTIC N°016/2016.

their communities, since their way of life differs standard way of life. The school reproduces the hierarchy of cultures, a colonial model that through a curricular and pedagogical structure that reflects hegemonic practices and knowledge, which affirms the inequalities and supports the ideological dimension of the unique, authoritarian and Eurocentric education, comprising elements of cultures traditional as exotic and folkloric. However, we note that the festival of the patron saint of fishermen, St. Peter, is configured as a space of cultural resistance in which the school could be present in a qualified way. This experience leads us to conclude that the possibility of emancipation of the subordinate groups may have greater possibilities when the school system considers intercultural education; and foster political awareness, as a condition for their cultural, social, religious, ancestral and economic reproduction

Key words: Fishery, Saint Peter Fest, Culture, Education.

Introdução

A sociedade contemporânea reconhece uma forma homogênea de valores e culturas, não considerando as singularidades dos povos, que têm saberes e vivências diferenciadas do modo de vida “padrão”, construídas e preservadas por trajetórias históricas próprias (SOUZA SANTOS, 2002). O Estado capitalista busca manter a ordem existente através do uso do poder simbólico, o exercício da dominação das classes subalternas, subjugando-as por uma hegemonia cultural. O “pensamento moderno e científico” é um dos instrumentos utilizados para legitimar o modelo capitalista como hegemônico, ainda que não seja onipotente (MALLON, 1995).

Diante deste cenário, o projeto de sociedade pressupõe uma disputa, para a manutenção do estado hegemônico ou na defesa da transformação da realidade em curso. “Quanto mais acirrado o sistema de exclusão social, mais urge encontrar outros caminhos para a organização da vida e da produção, os quais garantam o bem viver de todos e de cada um” (OLIVEIRA, 2006, p.15). É preciso identificar outros caminhos que potencializem a criação de diferentes regimes semióticos, como o são os sistemas das classes subalternas, cujas características são a inclusão, a cooperação e o dinamismo (Ibidem, 2006a).

Juntamente com o Estado e a família, a escola historicamente tem servido para sedimentar as tramas de opressão da classe dominante, enquanto instituição de reprodução social que perpetua o jogo da dominação ideológica e cultural. A existência de uma cultura nacional possibilitou a expansão desse modelo, uma vez que:

“A formação de uma cultura nacional contribuiu para criar padrões de alfabetização universais, generalizou uma única língua vernácula como o meio dominante de comunicação em toda a nação, criou uma cultura

homogênea e manteve instituições culturais nacionais, como, por exemplo, um sistema educacional nacional” (HALL, 2006).

Assim, o conjunto de práticas e saberes hegemônicos do currículo escolar naturalizam as desigualdades e sustentam a dimensão ideológica da educação única, autoritária e eurocêntrica, compreendendo os elementos de outras culturas como algo exótico e folclórico. Reforçando esta reflexão, evocamos Giroux (1983, p. 107), que esclarece que as escolas, nos modelos tradicionais, são parte de um “aparato ideológico do Estado” de manutenção, reprodução e aprofundamento das relações capitalistas, são “áreas de treinamento para diferentes setores da força de trabalho; provedoras dos conhecimentos e das habilidades ocupacionais necessárias à expansão da produção interna e do investimento externo”.

Autores como Bourdieu (1999) e Freire (2015) concordam que a escola pode provocar transformações sociais, mas não é capaz de protagonizar a liberdade plena, pois sua função pilar está comprometida com a definição dos papéis sociais dos indivíduos ou grupos populacionais, tendendo a determinar um projeto de sociedade que dê sustentação ao poder da elite.

A respeito disso, Larchert (2014, p.23) afirma que a escola silencia as diferenças que lhes são constitutivas, porque o modelo instituído não considera as singularidades e o dinamismo expressos na cultura em que está inserida. Freire (1981), em seu livro *Ação Cultural para a liberdade*, sustenta que o processo de libertação só será pleno por intermédio de uma ação cultural revolucionária, onde os oprimidos aniquilam o silêncio, expulsando as sombras míticas dos opressores introjetadas em si mesmos pela cultura dominante.

Assim, este trabalho discute os resultados de uma pesquisa etnográfica que buscou conhecer expressões culturais e conhecimentos produzidos na comunidade tradicional pesqueira de Loncura, na cidade de Quintero, Chile. A ideia é questionar a visão de escola apenas como local de ensino e reprodução do poder hegemônico, compreendendo-a como local cultural e político, que representa espaço de contestação e luta entre grupos com diferentes graus de poder cultural e econômico. A escola, como um espaço onde as comunidades subordinadas/oprimidas lutam por transformações que combatam as desigualdades de classe, reorientando os pilares da educação para modelos que dialoguem com as tradições culturais que operam em suas comunidades. Por tanto, a escola deve estar integrada com o mundo no qual o aluno está inserido, “respeitando os saberes dos educandos” (FREIRE, 2015, p.30).

A educação intercultural é uma opção que permite a valorização de culturas invisibilizadas e a tomada de consciência crítica de si mesmos. A interculturalidade é um conceito contra hegemônico que nasce nas discussões políticas dos movimentos sociais latino-americanos e que luta por uma ação de transformação. Epistemologicamente, interculturalidade significa redefinir as relações da sociedade com as culturas, segundo Walsh (1998):

“A interculturalidade tenta quebrar com a hegemonia da cultura dominante sobre a subordinada, fortalecendo as identidades tradicionalmente excluídas para construir, no cotidiano, uma coexistência de respeito e legitimidade entre todos os grupos da sociedade” (WALSH, 1998).

Deste modo, o conceito de interculturalidade vai além da escola, posicionando-se em um espaço de luta social que asseguram a transformação da ordem hegemônica. A interculturalidade reconhece as condições assimétricas do poder, ressalta o conflito educativo como local de geração de resistência, quebra o modelo da educação bancária e promove práticas de resistência contra hegemônica, transformando a prática educativa e superando os mecanismos de reprodução dos padrões da cultura dominante (VELEZ, 2012).

Nessa linha, os aspectos sociais e culturais, que operam a partir da interação entre o humano e a natureza, influenciam o cotidiano das formas de vida e caracterizam as especificidades dos povos. Para Laraia (2004, p.45) “o homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam”. Ao longo do tempo estes aspectos vão se acumulando e modificando, formando as facetas da cultura de uma população, como os povos do mar, expressão utilizada para designar aqueles que moram perto do mar e, pescadores, aqueles que buscam no mar o seu sustento. “Ao explorarem o mar e os recursos deste, os homens elaboram diversos modos de apropriação social, econômica e cultural ligados ao ambiente marinho” (SILVA, 2010). Assim, as comunidades pesqueiras possuem características culturais próprias, produto da sua forma de vida e relação com o mar, as quais deveriam ser consideradas em um modelo educativo intercultural.

Este estudo apresenta as características gerais da cultura local, desde o olhar de professores, pescadores e funcionários municipais, com destaque para os elementos estruturantes da festa de São Pedro de Loncura, enquanto patrimônio e espaço de resistência cultural de uma comunidade pesqueira na cidade de Quintero.

Metodologia

A escolha por um caminho metodológico constitui-se um desafio, principalmente diante da complexidade da sociolinguística, história, saberes, relações humanas e de poder que operam em uma Comunidade Pesqueira. A constante observação e interação em uma localidade, seu registro e análise, somados ao diálogo com atores que operam nas convergências de práticas educativas escolarizadas e populares, projetaram uma via apropriada para a construção e análise do nosso objeto de estudo.

A opção foi pela metodologia de análise qualitativa, que segundo Minayo (2008) “aprofunda o universo de significados, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde ao espaço mais íntimo das ações e relações humanas”. Esta metodologia tem como princípio que o pensamento de uma coletividade é o conjunto de representações geradas na prática discursiva, presentes em uma dada formação social e em um dado momento histórico (LEFÉVRE et al, 2000).

Neste caminho, na perspectiva de acolher a diversidade e valorizar as intersubjetividades e significados atribuídos pelos sujeitos às suas próprias experiências vividas (MINAYO, 2008), optou-se por uma abordagem etnográfica. Spradley (1979) acrescenta o fato de que o objetivo do investigador etnográfico deve ser compreender a maneira de viver do ponto de vista dos seus “naturais”, permitindo aprender com as pessoas, mais do que estudar essas pessoas.

De acordo com a definição de Malinowski (1986), a etnografia é esse ramo da antropologia que estuda as culturas de forma descritiva. Etimologicamente, o termo etnografia significa “descrição cultural” (CAMPELLO, 2011). Assim, antropólogos, em fins do século XIX passaram a utilizar o método etnográfico para pesquisas com grupos humanos, por entenderem que a vivência em campo seria indispensável para retratar a dinâmica da experiência humana vivida (ANGROSINO, 2009).

A proposta metodológica possibilitou uma aproximação multirreferenciada necessária ao cenário complexo do pensar e do agir em uma Comunidade Pesqueira. Nesta metodologia, o processo de modelagem da pesquisa e de sua teoria foi a característica principal e o papel de tecelões intelectuais foi assumido pelos pesquisadores. Trata-se de uma pesquisa realizada em uma comunidade pesqueira tradicional, cuja expressão cultural está pautada na oralidade, sendo fundamental compreender as relações entre o homem e o mar.

A apresentação dos resultados obtidos mediante o método etnográfico procura ir além da criação de categorias e delimitação de estruturas, pela complexidade do real, do cotidiano. Neste caminho, o social pode ser considerado como um espaço dinâmico, em que o objetivo e subjetivo estão em constante modificação e dessa interação nascem formas de pensar, de fazer e de ser. Os informantes são identificados como: Professor 3 (P3), Pescador 1 e 2 (PSC1 e PSC2), Responsável Patrimônio e Turismo (RPT), Vendedor de peixe (VP1) e Alferez de Loncura (AL).

Resultados

Considerando o contexto multicultural existente na sociedade chilena, também em Quintero as diferentes culturas fazem parte do cotidiano da cidade. A cultura pesqueira da vila de pescadores de Loncura, a festa de São Pedro e a escola como local cultural foram os destaques nas observações e entrevistas feitas com os professores, pescadores e funcionários municipais.

A cultura pesqueira na vida de pescadores de Loncura

Chile é um país marítimo que se projeta para o Oceano Pacífico e está situado na margem sudoeste da América do Sul. É um país unitário¹ dividido politicamente em 15 regiões de norte-sul. A extensão de seu litoral é de 4.200 km com uma área marítima de 3,15 milhões de km² em sua zona econômica exclusiva de 200 milhas náuticas.

Segundo dados da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura - FAO, sigla do inglês Food and Agriculture Organization – (2016), o peixe é um dos produtos alimentares mais comercializados no mundo. O comércio de peixe aumentou consideravelmente nas últimas décadas, fruto de um ambiente cada vez mais globalizado. A forma como os produtos marinhos são preparados, comercializados e distribuídos aos consumidores mudou substancialmente, e muitos deles atravessam várias vezes as fronteiras nacionais antes de chegar ao consumidor final.

A região de Valparaíso, denominada comumente como “V Região” e onde fica a cidade de Quintero, foco da nossa pesquisa, é a terceira em população depois da Região Metropolitana de Santiago e a do Bio-Bio, Concepción. Segundo dados do Instituto Nacional de Estatísticas (CHILE, 2006) esta região possui uma população de

¹O poder central é exercido sobre todo o território sem as limitações impostas por outra fonte de poder. A organização política é única porque consiste apenas de um aparato governamental que executa todas as funções do Estado.

1,6 milhões de habitantes, dos quais 500 mil representam a força de trabalho e 10% destes trabalham na agricultura, caça ou pesca.

Assim, a escolha da região de Valparaíso foi feita pela sua relevância e pela existência de pelo menos quatro comunidades de pescadores artesanais na cidade de Quintero: caleta² embarcadero, caleta el manzano, caleta papagallo e **caleta loncura**. Segundo dados da Subsecretaria de Pesca y Acuicultura de Chile (CHILE, 2016), 478 pessoas trabalham na pesca na cidade.

No entanto, segundo os nossos informantes, a baía de Quintero hoje não é mais o que foi no passado:

“Yo de hecho iba a pescar con mi familia, en marzo y diciembre solíamos ir a todo el borde de la costa a sacar choritos, lapas, locos... con eso uno comía una semana completa. Yo soy profe, pero vengo de una familia humilde, esos eran nuestros alimentos. Pasaba un caballero vendiendo luche, mi mamá recogía con nosotros cochachuyo, hacíamos charquicán de cochayuyo. Pasaron los años y ya no encontrábamos nada... todo pelado, para ambos lados de la península! Se perdió todo lo que uno mariscaba” (P3).

“Quintero antiguamente era rico en mariscos, en machas, en choritos. Ibas a la caleta El papagallo allá arriba, sacaban almejas, machas, picorocos, piures, lapas, de lo que quisieras. Pero... cuando empezaron a aparecer las empresas acá en quintero, jodió todo” (VP1).

A baía está morta, mais de 19 empresas altamente contaminantes conformam o parque industrial da baía de Quintero, localizado à beira das comunas de Puchuncaví e Quintero. Fundado em 1961 em um contexto de desenvolvimento econômico promovido pelo Estado a nível nacional, a primeira empresa foi a fundição de cobre da Empresa Nacional de Mineração (ENAMI, hoje CODELCO). Desde então, a poluição se intensificou com a passagem do tempo:

"Ahora está todo muerto. La industrias llegaron en exceso, sin regulación de cualquier tipo. Hay un desorden en la bahía. Las empresas solo trajeron humo, carbón y enfermedades" (PSC2)

A contaminação tem acabado com os peixes, hoje quando o pescador quer incluir peixe em sua alimentação, ele e sua família devem comprar:

“Lo compramos en la feria. La diferencia es que nosotros sabemos cuándo está fresco o añejo” (PSC1).

No entanto, do mar é possível se obter outros produtos, como por exemplo o choco³. Segundo a Secretaría de Pesca y Acuicultura de Chile (CHILE, 2014), desde

² Na língua portuguesa a tradução mais próxima da expressão Caleta seria “vila de pescadores”.

³ O choco é um tipo de molusco cefalópode.

2001 existe um aumento disponibilidade de choco nas águas chilenas, particularmente nas águas da zona centro-sul do país, onde se desenvolve uma série de pescarias de importância nacional, como a pesca de cavalas, sardinha, anchova, pescada e congro. Nos anos seguintes, a presença de choco nas pescarias nacionais aumentou, além de se estender para o comércio exterior. Os principais mercados de destino são: Espanha, Coreia do Sul, Filipinas, Federação Russa, República Popular da China, Estados Unidos, México, Argentina, Tailândia, Vietnã, Cuba e Costa Rica.

Assim, Quintero, que já foi uma cidade costeira ativa e ocupada, hoje apresenta apenas algumas pequenas barracas de venda de peixe e alguns restaurantes. O consumo de peixe fresco praticamente acabou, e o peixe vendido atualmente em Quintero é oriundo de outras cidades:

“Esto es de Chiloé. Todos los mariscos vienen del sur, los pescados del norte... no hay nada acá pos” (VP1).

No espaço costeiro de Quintero o modelo econômico deixou fortes marcas. A diversidade de atividades e usos do solo e a coexistência não harmônica de diferentes representações culturais do capitalismo intensificam a ocorrência de conflitos territoriais. Esses conflitos fazem com que as atividades tradicionais de pesca artesanal, agricultura e pecuária se enfraqueçam diante de novas atividades da indústria energética, pesca industrial e agricultura intensiva (CASTRO e ALVARADO, 2009).

A Festa de São Pedro como patrimônio cultural de Loncura

Diante da realidade local marcada pela contaminação, qual o papel da cultura local? Existe alguma forma de resistência contra o fim da pesca? Como os pescadores podem manter a sua cultura?

A Festa de São Pedro

Loncura é um dos bairros mais tradicionais da cidade de Quintero, conhecido comumente como uma vila de pescadores e pela sua tradicional festa religiosa. A Festa de São Pedro de Loncura pode se configurar como uma forma de resistência cultural e do patrimônio dos quinteranos. A cultura dos pescadores é produto da sua forma de vida e da relação com o mar, que ultrapassa a funcionalidade e o uso de seus recursos, por meio dos quais elaboram diversos modos de apropriação social, econômica e cultural ligados ao ambiente marinho (formas de ocupar o espaço, paisagens, festas,

crenças, receitas, práticas culinárias, etc.) (GARCIA del HOYO; JIMENEZ, 2016). Nessa relação sociedade-ambiente, existem elementos tangíveis e intangíveis cujo estudo nos permite entender como a cultura dos pescadores é constituída. A este respeito, cabe destacar que a UNESCO (2002) considera de igual importância o que é tangível ou material (por exemplo, monumentos e sítios arqueológicos) e o intangível ou imaterial (como crenças, canções e rituais) do patrimônio cultural. O patrimônio cultural é reconhecido como algo vivo, em constante construção. A UNESCO define o patrimônio intangível como o conjunto de criações baseadas na tradição de uma comunidade cultural expressa por um grupo ou por indivíduos e que reconhecem as expectativas de uma comunidade na medida em que refletem sua identidade cultural e social, tendo como exemplos a língua, literatura, música e dança, jogos e esportes, tradições culinárias, rituais e mitologias, conhecimentos e práticas relativos ao universo e espaços culturais. Para Bonfil (1993), o patrimônio cultural são os elementos culturais tangíveis e intangíveis de uma determinada comunidade que ao longo do tempo passam a ser considerados como próprios. Nessa linha, em novembro de 2014, o Comitê Intergovernamental para a Salvaguarda do Patrimônio Imaterial da UNESCO aprovou os Bailes Chinos de Chile como um novo Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade (UNESCO, 2017).

Historicamente, a cultura pesqueira de Loncura é marcada por dois elementos: a devoção católica e o passado indígena. Por um lado, os imigrantes espanhóis que se estabeleceram no Chile trouxeram consigo o culto aos santos patronos, o que marcou as festas, tradições e comemorações em diversos pontos do país. A reprodução local das festividades foi, desde o início, uma forma de expressar devoção aos santos que lhes proporcionam a proteção necessária para enfrentar os perigos de trabalhar no alto mar e os problemas da vida, e como forma de vínculo com suas raízes e antepassados.

Segundo Mateo (2005), a religião é uma expressão das necessidades, medos e desejos das pessoas, e quanto mais isolado o grupo e mais diversificada a sua atividade, mais complexa é essa expressão. Este é o caso dos pescadores de Loncura, cuja atividade depende das condições climáticas, da disponibilidade de recursos pesqueiros, de "sorte" ou "infortúnio", o que implica na presença de um componente místico ligado à atividade produtiva (CACCIUTTO e BARBINI, 2012).

No Chile, as respostas às necessidades de representação dos poderes tutelares locais são dadas pelas imagens: na costa, de San Pedro, patrono do mar; no interior da

Virgem, mãe da terra (PEREZ DE ARCE, 2017). Assim, São Pedro, padroeiro e protetor dos pescadores e de suas famílias, é homenageado pela cidade de Quintero em uma grande festa que acontece anualmente, no mês de julho.

Em Loncura esta expressão de fé alcança sua maior força graças à tradição e história do antigo rito das “Festas de chinos”, de origem indígena. Segundo o padre Alonso de Ovalle:

“Acuden a las procesiones los indios de la comarca que están en las chacras que son como aldeas, a una y dos leguas de la ciudad. Es tan grande el número de esta gente y tal el ruido que hacen con sus **flautas** y com la vocería de su canto, que es menester echarlos todos por delante, para que se pueda lograr la música de los eclesiásticos y cantores, y podernos entender para el gobierno de la procesión” (Alonso de Ovalle, 1641).

A palavra “chino” é de origem indígena quechua-aymara, significando originalmente mulher. Durante a época colonial a classe dominante utilizou o termo para os servos indígenas, passando a ser utilizado pelos grupos de dança: “os servos de São Pedro” (PEREZ DE ARCE, 2017).

Segundo a responsável pelo patrimônio e turismo do município de Quintero, a festa de São Pedro é:

“La fiesta más tradicional de todas es la fiesta de Loncura, de San Pedro, fiesta de San Pedro de Loncura, que este año cumple más de 145 años.” (RPT)

Assim, a festa possui um componente sócio histórico que busca a construção e reprodução de uma identidade local. No entanto, a globalização, os meios de comunicação e os processos de socialização afetam a identidade das pessoas, fazendo com que sejam assumidas diferentes identidades em diversos momentos, uma vez que a sociedade não é simples nem uma totalidade, pois sofre constantes modificações por forças externas (MIRANDA, 2000). As identidades são múltiplas, contraditórias e simultâneas, e as pessoas transitam entre elas, como por exemplo, ser pescador, pai e indígena ao mesmo tempo.

Na observação da festa é possível perceber que trata-se de uma manifestação cultural e corresponde a uma estratégia local de reprodução da identidade local contra a cultura global dominante. Uma das funções mais importantes desta celebração é expressar simbolicamente a integração e identidade coletiva da comunidade que a celebra, com o seu território. Tendo em conta que o território é uma construção social, observa-se processos de apropriação do espaço costeiro por elementos da produção

social local como a vila de pescadores, imagens de São Pedro, igreja, barracas de comida, etc.

Desta forma a festa de São Pedro configura-se como patrimônio cultural, onde o religioso e o festivo da comunidade pesqueira local os representa como grupo humano próprio do território e com suas formas de ocupação do espaço.

“La fiesta de san pedro es algo típico de los pescadores, siempre se ha celebrado. Le pedimos que nos vaya bien en la pesca, sobre todo en la de la jibia, que es peligrosa”. (PSC2)

Os “bailes chinos” consistem basicamente em dois rituais complementares: a) acompanhamento da imagem de São Pedro levada em procissão, com execuções simultâneas de dança e de um estilo particular de música instrumental de flauta e tambor; b) rogativas, elogios e saudações por meio de uma canção a cappella de “coplas” ou “décimas” (formas poéticas espanholas) que podem ser memorizados ou improvisados.

“(...) hay un saludo especial y una sensibilidad especial durante la ceremonia del baile, dentro del **canto a lo divino** que hace el Alférez también se menciona mucho la divinidad.. es un baile... una ceremonia donde se puede sentir aun el recogimiento de la gente espiritualmente (...)”. (E10)

O “canto a lo divino” do qual se fala, faz referencia a uma tradição oral popular, em que são contadas histórias inspiradas na bíblia, apresentando os respeitos a São Pedro. Esta forma particular de arte religiosa foi introduzida no Chile pela ordem dos jesuítas nos séculos XVI e XVII. Estes sacerdotes procuraram evangelizar o povo com a palavra de Deus em formato de canção. Sendo assim as comunidades analfabetas podiam ter acesso à bíblia e tinham a possibilidade de reproduzir a música e as histórias para o resto da população. No canto em “coplas” pelo Alférez de Loncura:

“De una manera especial
yo te lo digo Simón,
hay pues somos pescadores
y tú eres nuestro patrón.

Porque yo soy de Loncura,
soy criado en este pueblo,
por eso la fe que tengo en
ti mi apóstol San Pedro” (AL)

No trabalho de observação foi possível perceber algumas características do baile chino, a sua música instrumental e a sua dança, dois elementos expressivos que não podem ser apreciados separadamente, uma vez que o chino toca sua flauta ou tambor ao mesmo tempo em que dança. A seguir são apresentadas as características destes bailes:

- **Dança:** Os pescadores dançam, pulando, enquanto tocam suas flautas. A dança, em geral, consiste em passos frontais ou laterais, giros no lugar ou com avanços, deslocamentos com saltos em um ou dois pés de sentido longitudinal ou lateral, agachamentos e outros movimentos de pernas de grande demanda física.
- **Música:** A flauta, “antara” ou “pifilka” tem origem indígena e emite não somente uma nota musical, mas um acorde dissonante, a cada sopro. Para acompanhar as flautas e canções se batem tambores. É certamente um tipo muito peculiar de sonoridade andina que sobreviveu até o presente, apesar da imposição de um tipo musical ocidental com, supostamente, maior "afinação" e "limpeza".
- **Canções:** O representante dos pescadores, chamado Alférez, é o encarregado de entoar o “Canto a lo Divino” em honra a São Pedro, em formato de “coplas”.
- **Roupas:** Os pescadores se vestem de marinheiros, fruto de uma tradição que objetivava unificar a vestimenta dos dançarinos.

É importante destacar que o patrimônio cultural dos bailes chinos de Loncura é completamente original, uma marca cultural da cidade de Quintero. Naquela região e no Chile como um todo existem outros bailes chinos, porém com características diferentes.

A cultura local na escola

Segundo a UNESCO (2002b), um processo de ensino que considera o contexto cultural dos estudantes, com suas raízes, costumes, conhecimentos e visões do mundo, favorece a melhoria da aprendizagem, tornando-se culturalmente significativo para o sujeito.

No entanto, no trabalho de observação e entrevistas foi possível perceber que a escola não é um espaço de valorização da cultura local, uma vez que:

“Muchos profesores no son quinteranos y los que lo son, profesores de historia sobre todo, claro que saben de historia, saben la historia nacional, digamos los combates, etc, etc... pero no saben historia local po. Si ese es el tema también” (RPT)

Neste contexto, a questão da valorização e reconhecimento da cultura local fica sob a responsabilidade de professores que, ou não são da cidade, ou são vítimas do modelo educativo chileno e ainda, que não podem (ou não querem?) abordar o tema cultural com os seus estudantes.

Em uma educação crítica e responsável com a cultura local, os conteúdos curriculares ensinados devem, portanto, ser reconhecidos como valiosos pelos alunos, bem como por suas famílias e comunidade de origem. A opção por estes conteúdos configura-se como uma estratégia de luta contra o modelo educativo homogeneizante e invisibilizador das diferenças. A festa de São Pedro é um patrimônio cultural de Loncura e um espaço de resistência cultural em que a escola poderia estar presente, de forma qualificada.

Considerações finais

A educação com olhar crítico e intercultural promove reflexões e ações que podem contribuir para resistir e desabilitar o complexo mundo conceitual e operativo da perspectiva hegemônica globalizante, afiançada em diferentes espaços do nosso cotidiano. A educação nesta linha de pensamento vai além da educação bancária onde os conteúdos são transmitidos pelo professor e o estudante passivamente decora conceitos, pelo contrário, os conteúdos são apresentados considerando uma análise crítica da cultura local, da sociedade, das desigualdades e das injustiças.

Nesta perspectiva, a escola é uma das instituições responsáveis pela socialização do patrimônio cultural, ou seja, responsável pela formação e mediação simbólica que se dá nas interações humanas. “A cultura é o conteúdo substancial da educação, sua fonte e sua justificativa última” (FORQUIM, 1993, p. 14). No entanto, como uma instituição ao serviço do modelo hegemônico, a escola reproduz a hierarquização de culturas, por meio de uma estrutura curricular e pedagógica que reflete práticas e saberes dominantes, os quais afirmam as desigualdades e amparam a

dimensão ideológica da educação única, autoritária e eurocêntrica, compreendendo os elementos das culturas tradicionais como exóticos e folclóricos.

No entanto, Mignolo (1995) aponta que é preciso reivindicar as particularidades latino-americanas, reconhecendo a importância da criatividade, do pensamento situado e contextualizado sócio histórica e geograficamente, potenciando um projeto cultural e político que permita romper com séculos de colonialidade e eurocentrismo. Segundo Bravo (2008), a didática da pedagogia crítica promove o diálogo estudante-saber-professor-sociedade, em uma perspectiva de encontro entre a academia e o social, manifestando-se assim como uma resistência ao modelo educativo imperante. Nessa visão, o professor crítico deixa de lado o tecnicismo e a falta de esperança no modelo, pensando no seu trabalho como uma forma de resistência.

Neste cenário, manifestações populares como a Festa de São Pedro, aparecem como um elemento de resistência, ao preservar as identidades locais com suas danças, costumes e valores, funcionando também, como contraponto à homogeneização, contribuindo para reforçar as especificidades da cultura local (SBORQUIA e NEIRA, 2008).

A experiência com este trabalho permite concluir que a possibilidade de emancipação dos grupos subordinados poderá ser maior em um sistema escolar que considere os saberes próprios das comunidades tradicionais, seus processos de aprendizagem, de formação e organização social, e fomente a consciência política, como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, ou seja, uma educação intercultural.

Referências bibliográficas

AMESCUA, C. Cultura y migración. El patrimonio cultural inmaterial en las zonas de contacto: ¿una lucha por la autenticidad o una opción para la convivencia? **Cuadernos de Migración Internacional**, núm. 6. México: Universidad Iberoamericana: 2010.

ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre (RS): Atmed, 2009.

BONFIL, G. Nuestro patrimonio cultural: un laberinto de significados. En E. Florescano (Comp.), **El patrimonio cultural de México** (pp. 19-39). México: Consejo Nacional para la Cultura y las Artes/Fondo de Cultura Económica: 1993.

BOURDIEU, P. Compreender. In: BOURDIEU, P. **A miséria do mundo**. 9ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

BRAVO, R. **La pedagogía crítica: Una manera ética de generar procesos educativos**. Segunda Época, 2008.

- CACCIUTTO, M; BARBINI, B. Cultura y capital social en comunidades locales: El caso de la comunidad italiana del barrio Puerto de Mar del Plata. **Estud. perspect. tur.**, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, v. 21, n. 3, p. 681-705, jun. 2012.
- CAMPELLO, B. **Biblioteca escolar: Conhecimentos que sustentam a prática**. 2011.
- CASTRO, C; ALVARADO, C. La Gestión del Litoral Chileno: Un Diagnóstico. CYTED, Ciencia y Tecnología para el Desarrollo, IBERMAR, Red Iberoamericana: 2009.
- CHILE. Instituto Nacional de Estadísticas (INE). Caracterización laboral de la región de Valparaíso. 2006.
- CHILE. Subsecretaría de Pesca y Acuicultura. Informe Técnico (R. Pesq.) N° 202. 2014.
- CHILE. Subsecretaria de Pesca e Acuicultura (SUBPESCA). Áreas de Manejo y Explotación de Recursos Bentónicos. 2016.
- FAO. **El estado mundial de la pesca y la acuicultura 2016: contribución a la seguridad alimentaria y la nutrición para todos**. 244p. Roma: 2016. Disponível em: <http://www.fao.org/3/a-i5555s.pdf>
- FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas Sul, 1993.
- FREIRE, P. **Ação Cultural para a liberdade**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 52ª edição. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- GARCÍA DEL HOYO, J. J, JIMÉNEZ DE MADARIAGA, C. **Cultura y pesca: actas de las i jornadas patrimonio cultural pesquero**. Huelva: 2016.
- GEERTZ, C. Do ponto de vista dos nativos: a natureza do entendimento antropológico. In : GEERTZ, C. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- GIROUX, H. **Theory e resistance in education**. London: Heinemann, 1983.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**, DP&A Editora, 11ª edição em 2006, 102 p, tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro.
- LARAIA, R de B.. **Cultura: um conceito antropológico**. 17ª..ed. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor, 2004.
- LARCHERT, J. M. Resistência e seus processos educativos na comunidade negra rural quilombola do Fojo-BA. 2014. 217f. Tese (Doutorado em Educação e Ciências Humanas). São Carlos: UFScar, São Paulo, 2014.
- LEFEVRE, F; LEFEVRE, A.M.C; TEIXEIRA, J.J.V. O Discurso do Sujeito Coletivo. Uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa. Caxias do Sul; **Educs** 2000.
- MALINOWSKI, B. **Los argonautas del pacifico occidental**. Planeta Agostini: 1986.

- MALLON, F. Promesa y dilema en los estudios subalternos: perspectivas a partir de los estudios latinoamericanos. In: Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana Dr. E. Ravignani, Nº 12, **FFyL-FCE**, Buenos Aires: 1995. p. 87-116.
- MATEO, J. "El arte de vivir con fe. Pesca, religión y religiosidad en el Puerto de Mar del Plata (1920-1950)". En: Alvarez, N.; Rustoyburu, C. y Zuppa G. (organizadores) **Pasado y presente de la Mar del Plata social**. Eudem, Mar del Plata. 2005. pp 171-183.
- MIGNOLO, W. Occidentalización, imperialismo, globalización: herencias coloniales y teorías postcoloniales, **Revista Iberoamericana**, n. 170-171, jan.- jun. 1995: 27-40.
- MINAYO, M. C. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2008.
- MIRANDA, A. Sociedade da informação: globalização, identidade cultural e conteúdos. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 78-88, maio/ago. 2000.
- NO + Carbón. Situación Bahía de Quintero: Exigencias de la comunidad. 2013.
- OLIVEIRA, D. E. **Cosmovisão africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente**. Curitiba editora gráfica popular, 2006a 3 ed, 188p.
- OVALLE, A. **Crónicas de Alonso de Ovalle**. 1641.
- PEREZ DE ARCE, J. Bailes chinos y su identidad invisible. **Chungará (Arica)**, Arica, 2017.
- QUINTERO. Historia. Quinteroweb. 2016. Diponível em: <http://www.quinteroweb.cl/#historia>.
- SBORQUIA, S; NEIRA, M. As Danças Folclóricas e Populares no Currículo da Educação Física: possibilidades e desafios. **Motrivivência**, ano XX, Nº 31, P. 79-98 Dez./2008.
- SILVA, A. A pesca artesanal como arte e como significado cultural: o caso potiguar. **ACTA Geográfica, Boa Vista**, v. 4, n. 8, p.57-65, jul./dez. de 2010.
- SOUZA SANTOS, B. **A Crítica da Razão Indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2002.
- SPRADLEY, J. **The Ethnographic Interview**. New York: Holt, Rinehart and Winston. 1979.
- UNESCO. Declaración Universal sobre la Diversidad Cultural. Una visión, una plataforma conceptual, un semillero de ideas, un paradigma nuevo. Johannesburgo, Sudáfrica: 2002.
- UNESCO. **Patrimonio y cultura local en la escuela: Guía de experimentación e innovación pedagógica**. Santiago de Chile: 2002b.
- UNESCO. Patrimonio cultural inmaterial. 2017. Disponible em: <https://ich.unesco.org/es/RL/el-baile-chino-00988>.
- VELASCO, H; DÍAZ DE RADA, R. **El trabajo de campo. La lógica de la investigación etnográfica. Un modelo de trabajo para etnógrafos de la escuela**. Madrid: Ed. Trotta. 1997.

VELEZ, C. La interculturalidad en las reformas curriculares para la educación básica de Ecuador, Perú y Bolivia: consideraciones críticas. Abya-Yala: 2002.

WALSH, C. La interculturalidad y la educación básica ecuatoriana: propuestas para la reforma educativa. 1998.